

Emigrantes espanhóis no século XX: trajetórias individuais e história contemporânea*

Regina Weber**

A **Espanha de meados do século XX**, entre as décadas 1930 e 1950, esteve envolvida em acontecimentos políticos e sociais que vão além de sua política interna e se conectam a processos de escala mundial: a Guerra Civil Espanhol, a Segunda Guerra Mundial e o processo independência dos países do norte da África. Dificilmente a trajetória da vida dos imigrantes espanhóis que vieram para o Brasil nesse período deixa de ter alguma relação com, principalmente, os dois primeiros episódios. Tais eventos podem não ter sido fundamentais na vida dos entrevistados e, eventualmente, estes só se reportam a eles quando indagados pelo pesquisador. Entretanto, feita a entrevista, os entrevistadores vêm-se às voltas com dados que, ainda que prosaicos e pitorescos, estão conectados aos grandes acontecimentos da política e, eventualmente, da economia mundial contemporânea. Este artigo busca destacar a forma como se interseccionam fenômenos e personagens políticos de amplo alcance com práticas culturais ancoradas em relações familiares e com opções e trajetórias individuais.

Antes de comentar os casos selecionados, propõem-se duas observações. Primeiro, as narrativas de vida mais densas quanto ao cruzamento

* Este artigo é uma reformulação da comunicação apresentada no IX Encontro Nacional de História Oral, realizado em São Leopoldo em abril de 2008, e é resultado de uma pesquisa que conta com bolsas da FAPERGS e do CNPQ (PROPEAQ/UFRGS).

** Departamento de História e Programa de Pós Graduação em História da UFRGS.

da vivência individual com a macro-história política são quase sempre relatos de homens. Trata-se aqui da velha distinção entre o mundo doméstico e o mundo fora de casa. Em meados do século passado, era socialmente mais permitido aos homens que às mulheres ser militante político, viajar, se aventurar, ir em busca de fortuna. Existiram militantes e mesmo guerrilheiras famosas na Guerra Civil Espanhola,¹ mas, naqueles anos, soldados oficiais ou agentes comerciais em outro país certamente eram do sexo masculino. Da Galícia, província cuja população é definida como “povo imigrante por excelência” (González Martínez, 2000, p. 242), saíram muitos jovens para a América no século XX em busca de enriquecimento, quase sempre definido pela possibilidade de ser proprietário de um automóvel. Tal padrão de comportamento é socialmente aceitável, quando não estimulado, para jovens do sexo masculino. As mulheres também pensam em viajar e conhecer. Uma de nossas entrevistadas, ao justificar porque queria vir para a América (Venezuela), responde: “Tinha duas irmãs lá que já não estão mais... Eu queria passear, queria sair. Queria sair, ver um pouco; todo mundo falava tanto. Então vamos lá”. Esta senhora, ao passar pelo Brasil em sua rota para visitar as irmãs na Venezuela, acabou fixando-se aqui em grande parte por ter conhecido aquele que seria seu futuro marido. Por sua vez, alguns homens entrevistados contaram que a saída da Espanha deu-se em função de melhorar sua situação social ante uma pretendente pertencente a uma família cuja posição social era melhor que a sua. Em suma, a busca pelo cônjuge tende a fixar as moças e, inversamente, pode motivar rapazes à mobilidade.

A segunda observação remete às descobertas da pesquisa, que, se não são específicas ao procedimento da história oral, provavelmente são mais imediatas neste caso. Ao final da entrevista fica-se com a impressão de que a pessoa com quem falamos viveu tantas experiências e está agora relativamente desconhecida. Na verdade, um dos méritos da história oral é nos fazer desmontar nossos estereótipos. Penso nessa virtude como benéfica, particularmente para os alunos que nos acompanham. Nós, particularmente quando somos jovens, tendemos a olhar as pessoas e enquadrá-las por aquele ângulo momentâneo. Olhamos os velhos como

1 Sobre a célebre militante Dolores Ibáburri, conhecida como “Pasionaria”, ver Vilar (1986, p. 143). Para um estudo de uma imigrante espanhola para o Brasil, que foi anarquista na Espanha, ver Prochnow (2008).

se sempre tivessem sido velhos. Olhamos os pobres como se sempre tivessem vivido na pobreza. No entanto, as circunstâncias sociais são muito imprevisíveis, particularmente em países economicamente instáveis, como é o caso do Brasil: há quem tenha nascido rico e morra pobre e vice-versa, e há quem tenha sido famoso e depois viva no ostracismo. É como se o cotidiano (as filas de repartições burocráticas, o trânsito, as compras em supermercado, as rotinas domésticas e profissionais) retirasse das pessoas qualquer historicidade, permanecendo esta um atributo dos bem sucedidos, cujas vidas de tempos em tempos são narradas por outros. A história oral tem esse mérito de resgatar a história de vida das pessoas, justamente abrindo um espaço nesse cotidiano repetitivo que ainda está em curso.

Os casos que selecionei para comentar não se tratam de refugiados políticos em consequência dos resultados da Guerra Civil Espanhola. O Brasil, assim como outros países, foi local de destino de alguns espanhóis que fugiram da perseguição do regime franquista. Alguns fizeram o conhecido percurso de buscar refúgio primeiro na França e, depois, emigrar para algum outro país, como é o caso de alguns imigrantes que se estabeleceram no sul do Brasil (Bastani, 2006; Gómez del Arroyo, 1958). Vou apresentar algumas conexões mais indiretas, isto é, de imigrantes ou de seus familiares que tiveram suas vidas afetadas por tais acontecimentos, mesmo não estando neles envolvidos como participantes diretos. Nossos entrevistados não deixam de se enquadrar no perfil que pesquisadores da emigração espanhola definem para o período que vai de 1946, ano da reativação do fluxo migratório espanhol, até meados dos anos 1950: uma imigração que se dirige para as repúblicas latino-americanas, em uma espécie de epílogo da emigração de massa dos anos 1880-1930, para o qual contribuiu a penúria econômica da Espanha do período.²

Seu Evaristo é uma pessoa atualmente encarregada de uma seção do Clube Espanhol de Porto Alegre. Ele veio com cinco anos de idade para o Brasil, em 1947, e, portanto, pouco poderia nos informar sobre o que se pretende aqui abordar: a relação entre a história pessoal do emigrante e a história europeia mais ampla. Mas seu relato nos conduz à história de sua família e aí sim temos as conexões que nos chamaram a atenção. Sua

2 A partir de 1956, o fluxo migratório vai progressivamente mudando de rumo em direção às potências ocidentais da Europa industrializada (Fernández Vicente, 2005, p. 4).

família é da Galícia, aquela região espanhola que fica logo acima de Portugal e que sempre teve ligações muito fortes com o norte deste país, e da qual provém a maior parte dos imigrantes espanhóis para o Brasil (González Martínez, 2000, p. 250). Mais especificamente, eles eram de Vigo, uma importante cidade portuária. Pelo lado materno, os parentes de seu Evaristo atuavam na construção de embarcações.

Meu avô era construtor naval, na Galícia. Isso mais ou menos nos anos vinte, trinta, vamos dizer...1930, mais ou menos. Então como ele era famoso pela capacidade de construir navios, ele foi convidado pelo governo brasileiro e veio para construir um estaleiro, aqui, e ensinar as pessoas construir navios. Aí ele veio para o Brasil com dois filhos [...].

Segundo o narrador, o avô teria escolhido a cidade de Itajaí, pela sua localização para construir um estaleiro. Nem sempre temos como reunir diferentes documentos sobre um fato, mas, nesse caso, a lógica interna da narrativa é muito coerente: nessa região havia árvores e um rio cuja foz era no mar; o avô marcava as árvores adequadas que eram derrubadas e, em balsas, iam pelo rio, servindo de matéria-prima para a construção das embarcações. Aqui temos um relato sobre trocas de *know-how* econômico. O Brasil dos anos 1930 busca conhecimentos técnicos em uma cidade espanhola que está muito próxima à antiga metrópole, Portugal. Na seqüência, a Guerra Civil Espanhola aparece na narrativa de uma forma muito singular.

Aconteceu a guerra civil espanhola e ele [o avô] ainda estava aqui [no Brasil]. Inclusive minha avó manda cartas dizendo que os filhos que estavam aqui deveriam voltar para lá para entrarem em combate. Para ela poder tirar os que estavam em combate de volta pra casa.

Assim, um dos mais importantes acontecimentos da história política europeia da primeira metade do século XX é lembrado pela administração feminina da família. Com o marido em outro país, a esposa, a avó do narrador, reveza os oito filhos homens, ora nas trincheiras da Espanha, ora no Brasil ajudando o pai no ramo de embarcações.

Outro fato que revela a estrutura familiar por trás de um evento político, refere-se ao nascimento de seu Evaristo. Ele descende dessa família de construtores navais por parte de sua mãe, que namorava seu pai quando este era um pródigo jogador de futebol, além de estar aprendendo a arte de gravação em vidros. Por interferência da família da mãe, que achava que jogador de futebol não seria um bom futuro para um marido da moça, o pai de seu Evaristo aceitou uma proposta da empresa em que trabalhava – de gravação em vidro – de ir trabalhar em uma filial que estava sendo aberta na cidade de Porto, em Portugal. Seu Evaristo teria nascido ali, não fosse uma nova interferência da matriarca da família, a vó Joana, que exigiu que o primeiro neto nascesse na Espanha: “minha avó mandou uma carta para minha mãe dizendo que era impossível eu nascer em Portugal, um país que não fosse a Espanha. E muito menos que não fosse na casa tradicional da família: uma casa feita com blocos de granitos enormes, uma casa senhorial”. Sua mãe, em fim de gravidez, voltou para ter o filho na Espanha, mas o marido não pôde acompanhá-la nessa viagem:

Mas, como o pai tinha sido chamado – ele estava em Portugal, em 36, quando começou a guerra civil–, e ele foi chamado pelos dois lados, pelos republicanos e pelos franquistas, ele alegou que já tinha feito o serviço militar, como realmente fez, e que ele tinha participado de combates que não tinham nada a ver com a guerra civil. Ele andou em Astúrias, lutando contra os mineiros, que sublevaram, os famosos mineiros de Astúrias.³ Então ele não quis se apresentar. O Franco não gostou nada disso e fez uma ameaça, que ele poderia ser preso pela polícia. Pedir para o governo português que extraditasse ele, que no caso era Salazar, o ditador Salazar.

Assim, tido como desertor, o pai de seu Evaristo, para evitar o risco de ser preso, não acompanhou a esposa em seu retorno à Espanha, a chamado da sogra. Na narrativa é preciso observar: 1) Considerando, que ele

3 Em 1934, período de acirradas disputas políticas, uma coalização de direita obtém vitórias no Parlamento e passa ocupar o ministério do Trabalho, o que desencadeia uma greve geral da qual participaram ativamente os mineiros das Astúrias, o grupo mais militante do movimento operário espanhol (Balfour, 2003, p. 309).

sequer havia nascido nesse tempo, Seu Evaristo é depositário de memórias familiares e memórias sociais, no sentido que Halbwachs (1990, p. 80) atribui à expressão, qual seja, memórias que têm suporte em um grupo social; 2) Há uma justaposição de tempo da Guerra Civil com o período em que Franco já está no poder, o que é justificável, pois o próprio regime instalado em 1939 declarava “continuar em guerra contra todos seus inimigos interiores e exteriores” (Balfour, 2003, p. 332); 3) O narrador sabe que está unificando na figura de Franco todo o comando, os “generais franquistas”. Contudo, ele dá um relato verossímil da situação, não só dos espanhóis em Portugal, mas dos constrangimentos da população civil:

[...] eram vários espanhóis que estavam em Portugal. Tanto é que a polícia secreta portuguesa uma vez chegou pra conversar com o pai e disse assim: “vocês se reúnem nos bares e falam muito sobre a guerra civil, nós estamos observando vocês há muito tempo, nós ouvimos todas as conversas, nós sabemos tudo: que vocês se reúnem, onde moram e tudo. E evidentemente nós sabemos que tem pessoas dos dois lados, e nós não estamos gostando dessas reuniões, nós estamos sempre controlando. Como eu vejo que tu és um cara que trabalha que tem família, então eu vou te dizer o seguinte: tu te afasta desses grupos. Sai do serviço e vai pra casa, porque há uma orientação (inclusive ele abriu o jogo) que o pessoal do Franco lá nos pediu que de repente a gente prenda vocês e bota num trem, extra-oficialmente, e entregue na fronteira e pronto. E aí vocês serão julgados, conforme o caso, até fuzilados”. Que era o que acontecia, sumariamente não tinha julgamento nem nada.

A narrativa do retorno da mãe com o bebê, além de pitoresca, nos mostra as estratégias da população civil ante os controles de um regime militarizado:

Então pra não correr risco ele [o pai] não foi. Mas a mãe pegou o trem de Porto, maria-fumaça, e foi até Vigo. E ficou lá, eu nasci na casa com uma parteira, como tinha que ser porque era tradição, não podia ser no hospital. Então ela voltou para Portugal. Tem uma passagem divertida porque eu passei a fronteira escondido,

para evitar papelada. Então os meus tios e minhas tias foram à estação e levaram um cestinho de tampa, de vime, porque muitas pessoas levavam as merendas ali, e aí eles ficaram comigo dormindo dentro deste cestinho. E na estação conversando com minha mãe, que subiu no trem arrumou a suas coisas ficou na janela, e da janela ficou conversando. E quando o trem ia sair eles disseram: “ah, não vai esquecer a merenda” e me alcançaram pela janela, depois que a guarda civil fez toda a revista.

O narrador não tem problemas em tomar posições políticas, em fazer críticas, e ele mesmo se auto-define como anarquista. Contudo, a Guerra Civil é lembrada por uma polarização política que às vezes é ultrapassada pelas relações familiares, justamente porque a guerra, ao estalar, cindiu famílias, assumindo feições fratricidas em sentido literal (Balfour, 2003, p. 315):

Às vezes nas trincheiras, o combate era tão próximo que as vozes alcançavam. Daí durante a noite – isso é muito triste – as pessoas diziam: “tem alguém aí de tal região? Tem alguém de tal cidade? Tu conheces o fulano?”. E às vezes eram parentes que estavam de um lado e do outro, e terminavam se achando naquelas madrugada, no intervalo dos combates; que aí voltavam a se guerrear durante o dia. Então a guerra civil realmente dividiu famílias, cidades, vilarejos.

A família de seu Evaristo é um exemplo dessa divisão. Por parte de mãe, havia tios condecorados pelo regime franquista, e, por parte do pai, o avô era republicano, o que influenciou a recusa do pai de seu Evaristo ao regime que se instalou na Espanha, e, por decorrência, sua vinda ao Brasil.

Na seqüência do relato podemos ver como os ramos paterno e materno da família de seu Evaristo acabam reunidos no Rio Grande do Sul, para o que a posse de qualificações profissionais, num país em processo de desenvolvimento, foi fundamental. Após o retorno do pai para a Espanha, mais ou menos em 1940, um dos tios que havia se casado aqui no Brasil, transfere-se de Itajaí para Porto Alegre e monta um estaleiro nesta cidade. Por outro lado, o proprietário de uma importante casa de

vitrais em Porto Alegre, que costumava viajar à Europa em busca de novidades, de passagem por Portugal, convida o pai de seu Evaristo para vir trabalhar aqui no sul do país. Assim, reticente em retornar à Espanha, e ante a dupla pressão do cunhado que construía embarcações e do proprietário da casa de vitrais que lhe oferecia um emprego promissor, o pai de Seu Evaristo se transfere com a família para Porto Alegre em 1947. Continuando a disseminar conhecimentos técnicos, o tio paterno transfere-se posteriormente para o porto de Rio Grande, para orientar a construção de embarcações de pesca nesta cidade.

As descrições acima nos permitem constatar que, através da história oral, as conexões entre economia, política e estruturas familiares patriarcais (ou matriarcais) aparecem de forma mais imediata. De um indivíduo a outro, de um grupo social a outro, tais conexões operarão de modo diferente, mas sempre estarão presentes. A percepção que os indivíduos têm destas circunstâncias também serão diferentes, o que significa, para o historiador oral, relatos diferenciados. Parece haver uma relação na família do entrevistado, que não foi explicitada por este, entre posição política na Guerra Civil e situação econômica: o lado com maior poder aquisitivo (materno) tem forte relações com o governo nacionalista, enquanto o lado paterno tem discretas posições republicanas (apenas quando passou a se envolver com movimento estudantil na juventude, Seu Evaristo soube, por seu pai, que o avô era republicano). Sendo uma família de industriais, é compreensível que os parentes maternos estivessem em posição oposta ao de frentes políticas que congregavam sindicatos, operários, grevistas; por outro lado, a Frente Popular obteve maioria em muitas zonas da Galícia onde se concentravam camponeses mais pobres (Balfour, 2003, p. 311). Compreensíveis na Espanha, tais diferenças tendem a diluir-se do outro lado do Atlântico, formando os lados paterno e materno do entrevistado, uma mesma rede social, fenômeno frequente em situações de imigrações (Bjerg, Otero, 1995).

O outro caso nos revela uma realidade mais distante. Ao buscarmos uma senhora natural da Galícia, nos deparamos com seu marido, um senhor proveniente de outra província, que fez parte do exército espanhol de ocupação do Marrocos.

Seu José chegou ao Brasil em 1959. Para entender sua trajetória progressiva, retomemos um pouco a história do domínio espanhol no Marrocos. Os ataques europeus iniciaram no século XV: primeiro os portugueses

ocuparam Ceuta, depois deu-se a invasão espanhola em 1495. Posteriormente outros países europeus são atraídos pela riqueza mineral do Marrocos. No século XIX, após vários choques entre si, espanhóis e franceses criam seus protetorados. No início do século XX, ocorrem revoltas dos marroquinos, que são reprimidas por espanhóis e franceses, e, no contexto da Segunda Guerra Mundial, ocorrem novas redefinições. A independência do Marrocos é reconhecida em 1956 e a nova nação assume a soberania da zona espanhola. Seu José estava no Marrocos nesse tempo, jovem e solteiro, como membro do governo espanhol de ocupação deste norte da África. “Eu trabalhei com o governo. Eu estava no Marrocos pela parte de Franco”, é o que ele diz, revelando a profunda fusão da figura de Franco com o Estado nesses anos.

Seu José narra a existência da guerrilha dos árabes contra os ocupantes europeus do território, mas sempre repete que as relações dos guerrilheiros com os espanhóis era menos belicosa, pois a própria Espanha não teria muito interesse no território por ela ocupado, uma área montanhosa com poucos recursos naturais. Ele e outros soldados, jovens que ganhavam bem e também gastavam bastante, tinham boas relações com os marroquinos com os quais se divertiam, mesmo considerando a possibilidade de algum deles ser guerrilheiro. Como encarregado de funções burocráticas, nosso entrevistado conta que permaneceu ainda por cerca de uns dois anos no Marrocos, cooperando com o novo governo árabe, pois toda a documentação administrativa estava em espanhol.

Seu José poderia ter ficado no Marrocos quando ocorreu a independência, mas isso significaria naturalizar-se e tornar-se muçulmano. Provavelmente ele não seria expulso do país se não cumprisse essas formalidades, mas viveria como indivíduo de segunda categoria, com direitos cerceados. Considerando que as estratégias de afirmação de superioridade de um grupo sobre outro operam, na maior parte dos casos, por meios não formalizados, a história oral é uma método importante nos estudos de imigração e identidade étnica, pois ela permite analisar como se manifestam determinados constrangimentos sociais. Em um estudo apresentado no Congresso de 2004 da Associação Internacional de História Oral, em Roma, sobre os italianos repatriados da Líbia, em 1969, que haviam sido expulsos pelo governo de Kadafi, a pesquisadora mostra a situação difícil dos “retornados” na Itália, pois, enquanto na Líbia eles eram uma elite étnica governante, na Itália são praticamente imigrantes que têm que

reconstruir suas vidas (Pelliteri, 2004). No caso de nosso narrador, fica explícito que sua decisão de emigrar, após seu retorno para a Espanha, está associada a um desejo de manter um padrão de vida, pois ele recusou um emprego “no governo”: “Eu voltei pra Espanha, mas não me acostumava ao dinheiro que se ganhava naquela época. [...] Então (eu procurei) um lugar pra começar a ganhar mais”. Ele então obteve informações com um bispo de Madrid que teria lhe respondido que o único lugar que estava “aberto”, isto é, com permissão para entrada de emigrantes era o Brasil. E, por intermédio de uma organização católica, ele veio ao Brasil.

Vários passos dados pelo entrevistado em sua vida, em um contexto de fenômenos intercontinentais (ocupação colonialista de um país europeu na África; migrações européias para a América), são explicados por ele como motivados por ideais pessoais de promoção social, pois também a inserção no exército e trocas de postos de trabalho na África teriam sido norteados pela idéia de “carreira”. Ele também utiliza o termo “orgulho” ao explicar tanto sua decisão de buscar um lugar para ganhar mais (a América), como sua recusa posterior de retornar à Espanha, considerando que, nos anos 1980, quando esta oportunidade apareceu, ele não estaria em posição similar aos parentes que lá ficaram, agora habitantes de uma Espanha recuperada e em ascensão econômica.

Em que medida o indivíduo tem papel decisivo na história, ou mais especificamente, o quanto ele é responsável por sua própria história? O debate sobre o papel do indivíduo na história, que perpassa séculos e já teve várias respostas⁴ – como imperativo da vontade divina na concepção cristã e cadeia de causas e conseqüências no pensamento laico, na qual o indivíduo tem importância –, gerou uma longa controvérsia entre historiadores e sociólogos, com estes propondo a sociologia como uma ciência do coletivo a cujas pressões, na visão comum, o homem resistiria, afirmando, assim, sua liberdade. Segundo Glénisson (1991, p.248), após influências do marxismo e dos *Annales*, pôde-se chegar a novas concepções da relação entre indivíduo e história e a uma aproximação entre história e sociologia: na sociedade exercem-se uma pluralidade de deter-

4 Uma elucidativa explanação desse debate pode ser encontrada em Glénisson (1991), no capítulo “Sociedade e indivíduo; determinismo e liberdade na historiografia contemporânea”.

minismos, que atuam em níveis variados, enquanto entre os homens existem liberdades de diversos tipos. Voltando ao nosso entrevistado, mesmo que tenha sido implementada como projeto individual, a “carreira” é uma busca de posições que são socialmente reconhecidas como positivas e o “orgulho” sentido pelo indivíduo é ativado por valores ancorados em grupos sociais. O que ocorre com os imigrantes é que eles se afastam de um dado contexto social e se inserem em outro, cujos valores sociais dificilmente são os mesmos e onde a posição do indivíduo é outra.

Da mesma forma que Seu Evaristo, Seu José mantém a memória familiar da geração que esteve envolvida na Guerra Civil e nos traz também um aspecto das populações que não estiveram posicionadas diretamente em um dos dois lados do confronto. O tio – de quem ele recebeu o nome – era oficial do exército durante o conflito militar e, por não querer se posicionar contra um governo constituído, foi considerado inimigo dentro do Exército, de onde partiu a ofensiva contra o governo republicano, e esteve a ponto de ser executado.

Seu José guarda consigo uma relíquia, do ponto de vista do historiador: um álbum de fotografias com cenas cotidianas da administração militar e burocrática espanhola no Marrocos e de passeios deste espanhol pelas cidades marroquinas. Diante das fotos de pelotões em que apareciam soldados árabes, reconhecidos pelo porte da barba longa e pelo uso do fez (barrete árabe), o entrevistado explica que se tratavam de soldados contratados, os quais ele denomina “mercenários”, que não permaneciam em quartéis. Em algumas cenas de interiores, Seu José aparece tomando chá com árabes numa sala de paredes cobertas de ladrilhos árabes. Catalisadoras de memórias, as fotografias guardadas auxiliam o entrevistado a explicar ao historiador as circunstâncias dessa etapa de sua vida em um mundo culturalmente bastante distante do nosso. Para Raphael Samuel (1989, p. 232), quando velhas fotografias aparecem como um subproduto de uma história local associada à história oral, elas podem ter efeitos diversos: evocar o passado para aqueles que nunca o viram, estimular novas memórias naqueles que lá estiveram e suprir novas informações ou confirmações independentes.

Certamente poucos são os indivíduos que, tendo passado por períodos de *status*, riqueza, glória ou intensas atividades, consigam que tais situações tornem-se permanentes em suas vidas ou que sejam continuamente lembrados por seus feitos ou sucessos passados. Contudo, ainda

que indivíduos e grupos sociais nem sempre contem com isso, o esquecimento faz parte da existência e está diretamente associado à vulnerabilidade da memória (Nora, 1993, p. 9). Ser lembrado é também uma questão de poder social, o que é bem ilustrado pelo recente filme “Dias de Glória”, que reconta a história dos soldados convocados em colônias francesas na África para lutar na França contra os alemães durante a Segunda Guerra Mundial e que depois são esquecidos. A história oral, por sua parte, também tem cumprido um papel em dar visibilidade a “esquecidos”, mesmo que estes não tenham sido intencionalmente relegados ao esquecimento por uma sempre suspeita “história oficial”. Tais reflexões são postas ao historiador oral que localiza em uma pequena rua, que é uma artéria ao fim de uma avenida principal, de uma cidade de uma região metropolitana, em uma casa modesta, um senhor, com sérios problemas de saúde, que, na juventude, foi membro do governo de ocupação de um importante país europeu. Várias circunstâncias contribuíram para que Seu José não seja muito lembrado, nem mesmo pelos seus conterrâneos, uma delas foi seu progressivo afastamento da comunidade de imigrantes.⁵ Entretanto, mesmo que Seu José e a esposa tivessem continuado a freqüentar o Centro Espanhol, entidade que congrega imigrantes e descendentes de espanhóis em Porto Alegre, e mesmo que seu grupo de relações de amizade fosse constituído principalmente por espanhóis, ele precisaria lembrar continuamente sua passagem pela África para esta memória ser incorporada pelo grupo, uma vez que sua história, nesse ponto, é singular. Quer tenha ou não socializado sua história, a memória estava lá, ao alcance do historiador, o que nos remete a Ricoeur quando busca uma aproximação entre as teses fenomenológica (fenomenologia da memória individual, tradição do olhar interior) e sociológica (sociologia da memória coletiva, desenvolvida por Halbwachs) da memória, fazendo emergir a figura do “terceiro”, que pode auxiliar a remover os obstáculos à rememoração por parte do indivíduo. “Sob este ponto de vista, a história oferece esquemas de mediação entre os pólos extremos da memória individual e da memória coletiva” (Ricoeur, 2000, p. 161). Seu José

5 Seu José foi localizado pela pesquisa através de uma representante do governo espanhol que acompanhava a aplicação do programa de “pensões assistenciais” criado em 1993, para garantir “um mínimo de subsistência para os cidadãos espanhóis residentes no exterior, maiores de 65 anos, que careçam de recursos e vivam em países onde os sistemas públicos de proteção social não cubram suas necessidades básicas” (*Carta D’ España*, n. 625, mar 2007, p. 7).

passa um tempo da entrevista a mostrar para as jovens estudantes que o escutam seus conhecimentos lingüísticos de árabe, revelando conhecer as variações dialetais do norte da África, aprendidas há mais de cinquenta anos atrás.

Indivíduos que se deslocaram de um país a outro, de modo isolado ou com suas famílias, em conjunturas de guerras, civis ou entre estados, possuem memórias de eventos que são conhecidos por nós através uma história escrita. Contudo, eles os narram de modo diferente, introduzindo temas cuja relevância é dada pela sua experiência pessoal e cronologias associadas às suas histórias pessoais, e, por trás de movimentos individuais e familiares, em busca de riqueza, prestígio ou liberdade, encontramos valores patriarcais, estruturas econômicas, padrões de relações afetivas, que são, em maior ou menor grau, perpassados por condicionantes políticos. Visualizar o cruzamento destes diferentes planos da existência humana, atuando conjuntamente, é uma possibilidade aberta ao historiador oral em pesquisas sobre imigrações contemporâneas.

Referências bibliográficas

- BALFOUR, Sebastian. España desde 1931 hasta hoy. In: CARR, Raymond. *Historia de España*. Barcelona: Península, 2003. p. 301-353.
- BASTANI, R. F. A imigração espanhola no Rio Grande do Sul através do olhar da mulher. In: Sergio Rosa de Paiva. (Org.). *Mulheres do Rio Grande do Sul – Diversidade*. Porto Alegre: SFERASRP Editora de Artes, 2006, p. 87-144.
- BJERG, Maria, OTERO, Hernán. *Inmigración y redes sociales en la Argentina moderna*. Tandil: CEMLA/IEHS, 1995.
- DIAS de glória [Indigènes]. Direção: Rachid Bouchareb. Produção: Jean Bréhat Intérpretes: Sami Bouajila, Jamel Debbouze, Roschdy Zem, Samy Naceri. Argélia/ Bélgica/ França/ Marrocos, 2006. 1 filme (128 min)
- FERNÁNDEZ VICENTE, María José. Em busca de la legitimidad perdida. La política de emigración del régimen franquista, 1946-1965. *Estudios Migratorios Latinoamericanos*. v. 19, n. 56. 2005. p. 3-29.
- GLÉNISSON, Jean. *Iniciação aos Estudos Históricos*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991 [1961].
- GÓMEZ DEL ARROYO, Angel Antonio. Os espanhóis na formação e povoamento do R. G. S. In: BECKER, Klaus (org.) *Enciclopédia Rio-grandense*. v. 5. Canoas: Regional, 1958. p. 208-252.

- GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Elda Evangelina. O Brasil como país de destino para os migrantes espanhóis. In: FAUSTO, Boris (org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2000. p. 239-271.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- MINISTERIO DE TRABAJO Y ASUNTOS SOCIALES. *Carta D' España*, n. 625, mar 2007.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo. n. 10, dez. 1993 [1984]. p. 7-28.
- PELLITERI, Paolla. Memórias post-coloniales de los italianos repatrados de Líbia. In: INTERNACIONAL ORAL HISTORY ASSOCIATION (IOHA)/ COMUNE DI ROMA.. *XIII Internacional Oral History Conference. Atti del Convegno (Anais Eletrônicos)* Roma. 2004. 10 p.
- PROCHNOW, Lucas Neves. A trajetória de vida e o ambiente imigrante espanhol na Porto Alegre dos anos 50: história e possibilidades em história. In: *Anais do IX Encontro Nacional de História Oral*. São Leopoldo: Associação Brasileira de História Oral, 2008. CD-ROM.
- RICOEUR, Paul. *La Mémoire, L'Histoire, l'Oubli*. Paris: Seuil, 2000.
- SAMUEL, Raphael. História local e história oral. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH, Marco Zero. v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.
- VILAR, Pierre. *La Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica, 1986.

Resumo: Este artigo busca discutir como a história de indivíduos, em determinados processos de migração, conecta três planos de forças diferentes: opções individuais, condicionantes sociais e conjuntura política. A situação política da Espanha de meados do século, com repercussão internacional (Guerra Civil, ocupação do norte da África), associada ao contexto da Segunda Guerra Mundial, teve efeitos sobre os emigrantes, mas nem sempre foi a causa principal destas emigrações. Opções individuais também eram norteadas por padrões culturais (tradições familiares e valores de ascensão social) e circunstâncias econômicas.

Palavras-chave: emigrantes espanhóis; Guerra Civil Espanhola, Marrocos.

Spanish emigrants in the XXth Century: individual trajectories and contemporary history

Abstract: This article tries to discuss how individual histories, in some migration processes, link three levels of different forces: individual choices, social conditioners and political context. In the middle of the XXth Century, the well-known political situation in Spain (Civil War, the occupation of Northern Africa) along with Second World War, had their effects on emigrants, but haven't always been the main causes of these emigrations. Individual choices were also guided by cultural patterns (family traditions and values for social rise) and economic context.

Keywords: Spanish emigrants; Spanish Civil War; Morocco.